

## Semeadores de Cidades

Raimundo França – UNEMAT

RIBEIRO, Luís Sabóia. **Caçadores de diamantes**. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; UNEMAT, 2008.

Luís Sabóia Ribeiro nasceu no Ceará e depois migrou para o Rio de Janeiro, onde cursou Medicina na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1934, forma-se em Medicina e vai para Poxoréu, Mato Grosso, atuar como médico no único hospital da região, assim como na Comissão Ferroviária Brasil-Bolívia, prestando relevantes serviços à sociedade mato-grossense; também foi Ministro do Tribunal de Contas do Estado do Mato Grosso. Escreveu diversos livros entre os quais: *Contos de Cacau*, publicado em 1966, pela Editora Pongetti no Rio de Janeiro; *Dois Casais se Desquitam*, publicado pela Coletânea Copacabana, no Rio de Janeiro e os *Caçadores de Diamantes*. É primo-irmão de Rachel de Queiroz.

A obra *Caçadores de Diamantes* revela o veio etnográfico e etnológico, bem como a capacidade literária de Ribeiro, que, através de sua pena, fala-nos de um Mato Grosso ainda desconhecido, mais que isso, faz uma análise sociológica do processo de formação de inúmeras cidades que têm como elemento fundante – o Garimpo. A obra está dividida em trinta e três partes que podem ser compreendidas com uma leitura prazerosa e repleta de novidades. A cada página nota-se a variedade de termos e o olhar etnográfico de um médico que fez da caneta um bisturi de precisão sociológica de extrema sensibilidade para os fenômenos sócio-culturais.

A divisão do trabalho em partes é bastante complexa para fazer uma “espécie de classificação”. Todavia, procuramos, a partir de nossa leitura, compreender a trama a partir de três eixos: *Semeadores de Cidades*, *Garimpo* e *Organização Política*.

Nos primeiros momentos da trama, *Semeadores de Cidades*, o autor apresenta-nos sua visão heróica desses homens, que, movidos pela ambição e sonho de riqueza, põem-se à procura das “Minas do Rei Salomão” em plena floresta mato-grossense, assim como fugindo de situações de intempéries que os assolavam em seus lugares de origem, enfrentando os titãs da floresta, dão sentido a um movimento de ocupação profundo e duradouro no Centro-Oeste brasileiro. Essa saga garimpeira mostra o autor, deu-se sem qualquer forma de planejamento, mas, sobretudo, pelo sentimento de tornar-se rico nos monchões diamantíferos que a nova terra anunciava. Aos poucos o autor delinea com a precisão do ourives o processo de formação dos vilarejos – lugares inóspitos, onde a lei do mais forte era imperativa. Entre o movimento desses sonhadores e aventureiros, o autor descortina o cenário de paisagens idílicas que compõem o quadro geográfico ao mesmo tempo em que revela a significância de rios como: Araguaia, Paraguai, Rio das Mortes que são fontes primárias de comunicação e transporte no Mato Grosso do início do Século XX. Além disso, mostra-nos a relevância das estradas que nem de longe lembram as que hoje ligam o Estado de Norte a Sul, de Leste a Oeste. É nesse frenesi aventureiro que o autor demonstra o papel primordial dos Plantadores de Cidades, ou Semeadores, ou Garimpeiros. Cidades fundadas próximas as monchões diamantíferos com leis próprias, onde as Leis do Estado Brasileiro não vingam.

Antes da invasão garimpeira, era a região diamantária um abominável deserto no qual os bravios, caboclos azeitonados, ainda no estágio da pedra, conhecendo como atividades unicamente a caça e a pesca, rondavam as poucas fazendas de criação do gado, afastados desmesuradamente (*sic*) uma das outras e situadas nas terras estendidas pelas cabeceiras do Araguaia. Hoje o sertão agressivo foi dominado graças ao fator da mineração (p. 129).

O *Garimpo* – apresenta-nos o autor – tem um modo de produzir que lhe é próprio, mas que não foge à ganância do grande capital nacional e internacional que rapidamente integra-se ao Modo de Produção capitalista. A rigor a Divisão do Trabalho dava-se: Garimpeiro (trabalhador primário) – Faisqueiros (pequenos compradores) – Capangueiros (grandes compradores) – Firma Exportadora.

Esse Modo de Produção era desigual e assim como em toda forma de exploração capitalista, os que mais obtinham lucros eram as Firms exportadoras, ficando os garimpeiros, na maioria das vezes, na penúria. “Garimpeiros foi o nome de designação dos foragidos vivendo nas “grimpas medonhas das serras, fugidos que eram da perseguição dos agentes do erário” (p. 130). As regiões do Garimpo eram organizadas em Grupiaras ou Monchões (Terras firmes) e Golfos (barrancos dos rios ou leitos de córregos e rios). O trabalhado realizado pelos garimpeiros era degradante e arriscado, ficando muitos sucumbidos nos Monchões e Golfos para sempre.

Diz o autor,

Que homem de cidade poderá avaliar o sacrifício simbolizado num brilhante que usa adorno, perfeitamente engastado pela arte do joalheiro? Quantas vezes um belo solitário custou uma vida, antes que venha a ser ostentado em delicada mão ou colo gracioso que passeia pela avenida da grande metrópole (p. 137).

Pode ser nessa parte da obra uma precisão de termos ligados às características do diamante e a hierarquia qualitativa de cada tipo da pedra, bem como o valor de mercado e importância na indústria bélica.

Em *organização política* o autor demonstra a ausência de qualquer forma de Estado Legal que possa servir de parâmetro de Organização Societal e a imposição da Lei do mais forte, com forte presença do caudilhismo. “O caudilhismo das lavras morbequianas estava solidamente organizado, emprestado à vida uma textura semelhante à que se observava na generalidade dos sertões brasileiros, quer se olhasse para os coronéis nordestinos ou para os generais de pampas sulinos” (p. 259-260). As leis são construídas a partir dos costumes, de maneira que a ameaça à propriedade, neste caso, leva o delinqüente à morte, perdoando-se até o homicídio, mas jamais o roubo. Cumpre frisar que o termo delinqüente na obra está relacionado ao indivíduo e não a grupos sociais que estivessem ligados à luta por melhores condições de trabalho garimpos ou mesmo a posse terra, posto que, nesse período, esse tipo de ação parece-nos não estar presente no Mato Grosso.

Os caudilhos em geral tinham seus seguidores que enfrentavam quem quer que fosse pelo seu

chefe. As disputas pelos monchões e territórios eram constantes entre os caudilhos, notadamente entre os Morcegos (ligados ao caudilho José Morbeck) e Cai N'água (ligado ao caudilho Carvalhinho).

Por último, é possível perceber ao longo da obra uma exposição lúcida dos aspectos culturais que deram sentido à formação dos vilarejos e cidades, assim como da presença das várias formas de religiões que tentavam a domesticação dos “ímpios”, isto é, os próprios garimpeiros e dos índios. Há, na obra, brilhante descrição das Tribos Bororôs e Xavantes, a disputa entre essas tribos por territórios, bem como os rituais indígenas e suas crendices (BOPE – espírito mau e AROE-IMEGERE – Espírito perfeito).

A Caçadores de Diamantes teve sua Primeira Edição em 1945, publicada pela Biblioteca de Cultura, no Rio de Janeiro e, em 1959, ganhou uma nova reedição pela Editora Melso, do Rio de Janeiro. Depois de muitos anos sem ser reeditada – a obra ganhou sua reedição em 2008, dentro do quadro “Obras Raras do Mato Grosso” e embora pareça uma Obra restrita ao regional, na verdade, é uma obra que abordado diversos temas universais, dentro de um quadro de ocupação garimpeira em uma região inóspita do início do Século XX.

A leitura desta obra faz-se mister àqueles que tem interesse na leitura do Romance Social como instrumento de interpretação do Brasil, assim como àqueles que gostariam de saber mais sobre o interior do país e a forma de ocupação em meados do século passado. É, indubitavelmente, uma obra vigorosa que nos remete ao desconhecido e o fascínio a cada página. Boa leitura aos navegantes!